

E se São Paulo...?

Frederico Branco

Foi possivelmente inspirado por uma das mais insólitas obras da literatura americana contemporânea que Stanley Hilton, brazilianist cujos trabalhos vêm sendo editados pela Nova Fronteira, se valeu de um recurso mais próprio de romancista que de historiador para abrir 1932 — A Guerra Civil Brasileira. A obra eventualmente inspiradora desse recurso pode ter sido *If The South Had Won the Civil War*, de seu conterrâneo MacKinlay Kantor, prêmio Pulitzer de Literatura e especialista em temas históricos. Partindo de uma suposição — a vitória dos confederados sulistas na Guerra Civil americana —, Kantor desdobra, com a lógica especial da fantasia, todas as conseqüências da constituição dos Estados Confederados da América após a derrota das forças federais, na Guerra da Secessão, com seus descobrimentos continentais e mundiais.

Hilton dá um primeiro passo nessa direção citando em seu prefácio uma imaginária obra do verdadeiro coronel Brasília Taborda, que teria sido publicada em 1936, sob o título *A Revolução Triunfante*. Em vez de aguardar o apoio de Minas Gerais, Mato Grosso e Rio Grande do Sul à Revolução Constitucionalista de 1932, os paulistas teriam tomado a iniciativa de passar à ofensiva contra a Capital Federal já na noite de 9 de julho. Grupos de sabotadores provocariam grande confusão e alarma no Rio, alvo de inúmeras investidas e de um ataque aéreo contra o Campo dos Afonsos, comandado pelo major Ivo Borges. Pela manhã do dia 10, forças constitucionalistas já teriam desembarcado na estação da Central. Atônita, a guarnição federal capitularia sem oferecer resistência. As tentativas de comunicação entre o Palácio Guanabara e o Ministério da Guerra e Vila Militar seriam inúteis. "As 7 e 40" — imagina Hilton — "o telefone toca no salão manuelino. Osvaldo Aranha, ministro da Fazenda e amigo íntimo de Vargas, atendeu. Todos os presentes pararam de falar. Aranha ouviu por alguns segundos sem pronunciar palavra, o semblante sombrio. Desligou então e, olhando para Vargas, declarou secamente: 'Flores nos traiu!'"

"A adesão do Rio Grande do Sul" — prossegue Hilton — "eliminou qualquer possibilidade de dominar o levante. Quando tropas rebeldes chegaram ao palácio, portanto, os ocupantes não ofereceram resistência. A Revolução Constitucionalista triunfara... Podia ter sido assim? Talvez, ou com alguns detalhes diferentes. Mas não foi".

De fato, não foi. Passivamente, os revolucionários de 1932 abriram mão do elemento surpresa que poderia tê-los favorecido. A revolução foi precipitada pela atitude de um dos generais que a comandariam. Tempo fatal foi perdido à espera de adesões que não se materializaram. Flores da Cunha, na verdade, traiu seus associados paulistas, apoiando a ditadura. A Revolução de 1932 foi assim esmagada pela superioridade de meios e recursos lançados contra São Paulo, e Vargas permaneceria no poder por mais 13 anos.

Nesse caso, seria válido o expediente de que se valeu Hilton, lançando mão dessa breve introdução político-imaginária para abrir sua bem documentada obra sobre a Guerra de São Paulo. Num país como o nosso e numa época como a que vivemos, onde o interesse pela leitura, particularmente por parte dos jovens, é cada vez mais escasso, esse recurso não invalida o levantamento de Hilton. A imaginária vitória paulista não passa da projeção dos planos dos próprios revolucionários, que não chegaram a ser executados. As demais 370 páginas de *A Guerra Civil Brasileira* nada contêm de ficção, constituindo um excelente levantamento histórico de fatos reais relacionados com a campanha militar constitucionalista de 1932. Produto de longa e paciente pesquisa, que redundou na publicação de documentos até agora

inéditos, a obra de Hilton vai das origens da crise política à vitória militar das forças ditatoriais, passando pelo papel dos principais protagonistas de ambos os lados, civis e militares, os problemas logísticos enfrentados, a guerra aérea, os esforços dos paulistas para obter reconhecimento diplomático e obter armas indispensáveis no Exterior, a recusa do governo francês, sob pressão dos socialistas, a entregar equipamento já comprado, embalado e pago pelo governo federal, a abnegação e determinação dos paulistas até o fim da luta, para chegar, finalmente, à punição e ao exílio dos que tinham liderado a reação armada ao despotismo de Vargas.

Particularmente para as gerações mais jovens, que em geral muito pouco ou nada sabem sobre as verdadeiras causas, desenvolvimento e circunstâncias da Revolução de 1932, o trabalho de Stanley Hilton é de grande valia, traduzido em copiosa documentação autêntica e exposto em linguagem das mais simples, que evita os jargões, tecnicismos e hermetismos de levantamentos históricos do gênero. Em conjunto, *A Guerra Civil Brasileira* é uma excelente introdução a todos os que se interessam por fatos decorridos há meio século, mas que teriam um papel mais que decisivo em nossa História.

Ainda assim, haverá aqueles que, apegados à ortodoxia, sempre insistirão em que não é válido o prefácio de Hilton, no qual, à maneira de MacKinlay Kantor, ele faz uma breve extrapolação sobre o desdobramento de uma imaginária vitória paulista a 10 de julho de 1932.

Naturalmente, tais objeções seriam de somenos, pois a fantasia está limitada ao espaço entre as páginas 13 e 17. A partir de então, tudo fica no domínio dos fatos pesquisados e apurados.

Contudo, como se desprende da leitura de uma seção do capítulo XIII, a fantasia não é tão fantástica se for levado em conta o pavor que se registrava entre Vargas e seus principais assessores dois dias depois da eclosão do movimento armado paulista, quando ainda se temia, no Palácio Guanabara, que outros se unissem à causa de São Paulo.

"Vargas, sentindo a força das emoções contra a ditadura e temendo a humilhação de ser deposto" — registra Hilton —, "aparentemente chegou a pensar em suicídio. Na noite de 11 de julho, Osvaldo Aranha telefonou para Góis Monteiro, pedindo que fosse imediatamente para o Palácio Guanabara. Quando Góis chegou, Aranha disse-lhe que Vargas soubera de uma conspiração de generais visando a sua deposição e que pretendia resistir, a ponto de munir-se de um revólver, escrever uma carta-manifesto à Nação e dizer que não se entregaria, pondo fim à vida, em último caso. Conversando depois com Vargas, Góis viu que, de fato, estava com um revólver no bolso de seu paletó. O chefe do Executivo, aliás, já passara um telegrama a Flores da Cunha, dizendo que 'não me entregarei' e que resistiria 'até sucumbir como soldado'. Aranha estava tão preocupado com seu amigo que passou aquela noite no gabinete de Vargas, dormindo no sofá..."

Premonição, antecipação do que viria a ocorrer 22 anos depois? Seja como for, fica visto que a fantasia do prefácio não chega a ser totalmente descomprometida com a realidade, que a História poderia ter tomado outro curso, que o destino da Nação e de São Paulo poderia ter sido muito diferente. Infelizmente, não foi.

Isso, entretanto, não significa que o caminho esteja fechado aos que podem ser inspirados pelo trecho citado do prefácio de Hilton. E se São Paulo tivesse vencido a guerra civil que ele descreve? Não seria esse um excelente tema para nossos ficcionistas, determinados a enfrentar um desafio como o que foi vencido por MacKinlay Kantor?